



Central do Leitor

Globo Online

Jornal O Globo

Diário de S. Paulo

Assine O Globo

Classificados O Globo

Anuncie

Agência O Globo

- Primeira Página
- Colunas
- O País
- Opinião
- Rio
- Economia
- O Mundo
- Ciência
- Esportes
- Segundo Caderno
- Suplementos
 - Boa Chance
 - Boa Viagem
 - CarroEtc
 - Ela
 - GloboInho
 - InformáticaEtc
 - Megazine
 - Morar Bem
 - Prosa & Verso
 - Revista da TV
 - Rio Show

- Bairros
 - Baixada
 - Barra
 - Centro
 - Ilha
 - Niterói
 - Serra
 - Tijuca
 - Zona Norte
 - Zona Oeste
 - Zona Sul

ARQUIVO PREMIUM

Aqui você encontra textos publicados no **Globo** (desde 97) e no **Extra** (desde 98)

Últimos 7 dias grátis

ECONOMIA

Publicado em 15 de outubro de 2004

[Versão impressa](#)

PANORAMA ECONÔMICO



Ano da verdade

Apesar do lastimável aumento da miséria, o Brasil conseguiu reduzir de forma visível seu nível de desigualdade no ano passado — e também em 2002. Com isso, mostrou que é capaz de melhorar a distribuição de renda em períodos de baixo (ou nenhum) vigor econômico. Falta provar que pode combinar redistribuição de riqueza e crescimento do PIB. É o que 2004 nos dirá.

Quando Fernando Collor de Mello assumiu a Presidência, em 1990, os brasileiros que compunham os 10% mais ricos da população detinham 48% de toda a renda nacional. A metade mais pobre ficava com 11,5%, segundo cálculos do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV). Em 2001, os ricos se apropriavam de 47,3%. Aos pobres, restavam 12,4%. Em 2002, os números passaram a 46,4% e 13,2%, respectivamente. No ano passado, a 45,7% e 13,5%: enquanto a renda familiar *per capita* do topo da pirâmide social era de R\$ 1.652 por mês, a dos 50% mais pobres não passava de R\$ 102.

O Brasil tem um dos piores níveis de distribuição de renda de todo o mundo e as mudanças recentes não foram capazes de alterá-lo significativamente. Mas sugerem uma disposição nunca observada nas estatísticas.

— É como se o transatlântico estivesse começando a fazer a curva — compara o economista Marcelo Neri, chefe do CPS-FGV. — Os dados sobre a redução da pobreza nas áreas rurais são consistentes, ano após ano, numa evidência de que há um pedaço do Brasil



COLUN

Panora
Ano da v

ATUAL:

- Ancelmu
- Arthur I
- Controle
- Crítica (
- Fernanc
- Gente E
- Merval I
- Novos S
- Obituár
- Panorar
- Panorar
- Pé-Sujo
- Renato
- Renato
- TV Por /

recebendo uma ajuda que antes não existia. Há uma ênfase muito grande da sociedade e dos governos nos programas sociais. Isso tudo é muito recente.

É missão quase impossível assegurar trabalho digno e adequadamente remunerado a todos os cidadãos, num país onde um em cada quatro indivíduos com mais de 10 anos de idade não completou quatro anos de estudo. Como costuma afirmar o economista Marcelo Medeiros, do Centro Internacional de Pobreza da ONU, "antes de ensinar a pescar, o Brasil terá que dar o peixe por muitos anos".

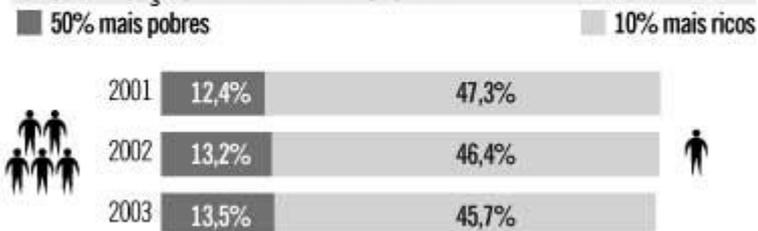
Neste processo, as transferências de renda (com ou sem contrapartida por parte das famílias) são vitais. Mas o modelo de desenvolvimento tem seu papel. E ele será testado neste 2004, que promete ser o ano de maior expansão econômica desde a implantação do Plano Real, dez anos atrás.

— Vencemos o primeiro desafio, que foi voltar a crescer. Restam dois: assegurar a continuidade desse crescimento e produzir a redução efetiva da pobreza e da desigualdade — diz o economista Marcelo Paixão, professor da UFRJ.

Quem viver, verá.

Sinais da melhora

DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NACIONAL



FONTE: CPS-FGV

Entre a cruz e a espada

O reajuste que entra em vigor hoje no Brasil reduz pouco a defasagem do preço da gasolina em relação à cotação internacional. O economista Marco Franklin, da Plenus Gestão de Recursos, estima que, para equiparar os dois valores (o litro do combustível bateu US\$ 141 ontem), seria necessária uma correção de mais 9,3% nos postos. O desnível preocupa porque, se o governo não mexer nos preços até o fim deste ano e a cotação do óleo mantiver o descontrole atual, um possível reajuste a partir de janeiro será uma grave ameaça ao cumprimento da meta de inflação de 2005.

O Banco Central já anunciou que vai perseguir um IPCA de 5,1% no próximo ano. Desse total, 2,5 pontos percentuais estão praticamente garantidos pela correção das tarifas de telefonia e energia elétrica. A correção da defasagem dos combustíveis elevaria o IPCA em mais 0,4 ponto percentual, num cenário em que as instituições que mais acertam previsões (os Top Five) projetam IPCA de 6%.

— Seria inteligente fazer toda a maldade ainda este ano para garantir o cumprimento da meta de 2005. Se a defasagem no preço da gasolina não for corrigida em 2004, o IPCA de 5,1% no próximo ano deixará de ser um alvo heróico para se tornar impossível — comenta Franklin.

Ou pior. Obrigará o país a conviver por muito mais tempo com a política monetária apertada que tanto ameaça o crescimento.

Rejeição aos EUA

Uma pesquisa da TNS-Gallup International feita com 50 mil pessoas em todo o mundo confirmou que, no Brasil, a imagem dos Estados Unidos é mesmo ruim. Dos 1.400 brasileiros com mais de 16 anos ouvidos, 54% apresentaram opinião sobre os EUA muito ou razoavelmente negativa. Em seguida, aparecem a Rússia (24%) e o Reino Unido (22%). No topo da simpatia estão o Japão, que teve avaliação muito positiva de 28% dos brasileiros, a França e a Itália, ambas com 15%. Na média mundial, os EUA tiveram 34% de avaliação negativa, em razão da rejeição na América Latina e na Europa Oriental. Os africanos garantiram os 40% de imagem favorável dos americanos.

[Enviar por email](#)  [Versão para impressão](#)  [Voltar](#)  [Topo](#) 

- [Fale com o Jornal O Globo](#)
- [Cartas dos Leitores](#)
- [Tire suas dúvidas](#)
- [Expediente](#)
- [Painel dos Leitores](#)
- [Quem lê jornal sabe mais](#)
- [Promoções - Resultados](#)
- [Política de Privacidade](#)
- [Site Publicitário Info](#)

© Todos os direitos reservados a O Globo e Agência O Globo. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.